

O caso do acusativo anafórico de terceira pessoa em um *continuum* de gêneros textuais jornalísticos de uma amostra do *corpus* "pró-norma plural"

MONIQUE DÉBORA ALVES DE OLIVEIRA LIMA

CPIL, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Neste estudo, investigou-se como um *continuum* de gêneros textuais jornalísticos pode refletir a flexibilização da norma culta de escrita, focando em usos da escrita jornalística atual. Esta investigação (i) propôs um *continuum* de gêneros textuais do jornal *O Globo*; e (ii) analisou a distribuição das formas variantes do acusativo anafórico de terceira pessoa, considerando condicionamentos linguísticos e extralinguísticos. A pesquisa baseia-se na Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). Para compor o *continuum*, utilizou-se a experiência descrita em Vieira e Lima (2019) e as propostas sobre *continua* de variação linguística e de fala-escrita (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005; MARCUSCHI, 2001, 2008; BIAZOLLI, 2016; VIEIRA, 2019a, 2019b), associadas às concepções de norma (FARACO, 2008, 2012, 2020) e características situacionais dos gêneros textuais (BIBER; CONRAD, 2009). A amostra analisada consistiu em sete gêneros textuais do jornal *O Globo*, agrupados em três porções de um *continuum*: (i) [+ oralidade]: tirinha e entrevista; (ii) [central]: crônica e notícia; e (iii) [+ letramento]: carta de leitor, artigo e editorial. As variantes analisadas foram: (a) o clítico acusativo; (b) o pronome lexical; (c) o objeto nulo; e (d) o SN anafórico. As ocorrências foram codificadas e analisadas com ferramentas da plataforma R. Os resultados indicam que a variação é sensível ao *continuum*: o clítico acusativo prevaleceu na porção [+ letramento], enquanto, nas porções [central] e [+ oralidade], os gêneros mostraram-se mais flexíveis. Conclui-se que a norma praticada na amostra analisada não corresponde exatamente às orientações dos manuais tradicionais, sendo plural e flexível.

Palavras-chave: *continua* de variação linguística; norma(s) culta(s) de escrita; acusativo anafórico de terceira pessoa; colocação dos clíticos pronominais.

ABSTRACT

In this study, we investigated how a *continuum* of journalistic text genres can reflect the flexibilization of the standard written norm, focusing on current uses of journalistic writing. This investigation (i) proposed a *continuum* of text genres from the newspaper *O Globo*; and (ii) analyzed the distribution of variant forms of the third-person anaphoric accusative, considering linguistic and extralinguistic conditioning factors. The research is based on Variationist Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). To compose the *continuum*, we utilized the experience described in Vieira and Lima (2019) and the proposals on *continua* of linguistic variation and speechwriting (BORTONI-RICARDO, 2004, 2005; MARCUSCHI, 2001, 2008; BIAZOLLI, 2016; VIEIRA, 2019a, 2019b), associated with the concepts of norm (FARACO, 2008, 2012, 2020) and situational characteristics of text genres (BIBER; CONRAD, 2009). The analyzed sample consisted of seven text genres from the newspaper *O Globo*, grouped into three portions of a *continuum*: (i) [+ orality]: comic strip and interview; (ii) [intermediary]: chronicle and news; (iii) [+ literacy]: reader's letter, article, and editorial. The variants analyzed were: (a) the accusative clitic; (b) the lexical pronoun; (c) the null object; and (d) the anaphoric NP. The occurrences were coded and analyzed using tools from the R platform. The results indicate that variation is sensitive to the *continuum*: the accusative clitic prevailed in the [+ literacy] portion, while in the [intermediary] and [+ orality] portions, the genres showed more flexibility. It is concluded that the norm practiced in the analyzed sample does not exactly correspond to the guidelines of traditional manuals, being plural and flexible.

Keywords: linguistic variation *continua*; writing standard norms; third-person anaphoric accusative; placement of pronominal clitics.

1. INTRODUÇÃO

O objeto anafórico de terceira pessoa é um fenômeno bastante explorado nos estudos sociolinguísticos, visto que seu uso suscita julgamentos linguísticos, especialmente na escrita. Neste trabalho, que segue a linha da Sociolinguística Variacionista, apresentam-se os resultados de parte de uma pesquisa desenvolvida no doutorado, acerca do tema em tela. Esta pesquisa buscou compreender a variação que permeia o uso do objeto anafórico de terceira pessoa em uma amostra jornalística do *corpus* Pró-Norma Plural.

A fim de guiar o leitor, anuncia-se a organização deste texto: na sequência desta seção introdutória, será apresentada a fundamentação teórica deste trabalho. A seguir, na revisão da literatura, mostra-se como o fenômeno é visto no viés tradicional e no linguístico. A essa seção, seguem-se os resultados gerais da pesquisa empreendida. Por fim, o texto encerra-se com as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente pesquisa segue as orientações teórico-metodológicas da Sociolinguística Laboviana e da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). Nessa perspectiva, a variação é vista como inerente à língua, e a heterogeneidade é o foco da análise nos estudos de variação e mudança linguísticas. A pesquisa se baseia nos princípios da heterogeneidade ordenada, da relação entre variação e mudança, e em conceitos como vernáculo, comunidade de fala e regra variável, além de seguir orientações metodológicas, especialmente a abordagem quantitativa de ocorrências.

Labov (2003) distingue regras categóricas, que não podem ser infringidas, e regras variáveis, que permitem formas alternantes com o mesmo significado referencial. Essas variantes podem ocorrer em diferentes níveis gramaticais e possuem valor social, categorizadas em indicadores, marcadores e estereótipos (LABOV, 2008 [1972]). No caso do acusativo anafórico de terceira pessoa, o clítico acusativo é um marcador, enquanto o pronome lexical é um estereótipo.

Por sua vez, a noção de norma linguística, especialmente a de norma-padrão, é crucial para entender o fenômeno linguístico em estudo. Cabe apontar que a constituição da escrita-padrão brasileira resulta de um processo de estabelecimento de um modelo de referência, que, segundo Faraco (2015), não se consolidou completamente, mas é mantido ideologicamente por discursos puristas e reforçado pelo sistema educacional. Como prova de que esse modelo não foi totalmente estabelecido, estudos sobre a escrita-padrão indicam que há variação, mostrando que a escrita praticada nos meios jornalístico e acadêmico não é totalmente rígida.

Já a escrita efetivamente praticada em textos jornalísticos e acadêmicos, consoante Duarte (2015), seria caracterizada por um sistema misto, no qual figuram estruturas provenientes do padrão estabelecido, da gramática vernacular do português brasileiro (PB) e da gramática do letrado brasileiro. Nessa escrita, entretanto, não figuram usos supostamente estigmatizados, em função da força do imaginário padronizador, que permeia a escrita brasileira desde o século XIX. Assim, observa-se que, paralelo à constituição da escrita-padrão, em suas fases, se desenha o que aqui se intitula espectro de aceitabilidade dos usos linguísticos, isto é, um panorama normativo que gira em torno da aceitabilidade (ou não) dos usos na norma/variedade culta em sua modalidade escrita.

De acordo com Biazolli (2016), os gêneros textuais-discursivos são uma ferramenta eficiente para a realização de análises estilísticas, a fim de observar tal aceitabilidade. Quando colocados em comparação segundo suas características situacionais, podem ser distribuídos em um *continuum* estilístico. A pesquisadora correlaciona o *continuum* estilístico ao de fala-escrita, defendendo que, neste último, não podem ser observados apenas os conceitos de *meio* e de *concepção* propostos por Marcuschi (2001, 2008), visto que não são suficientes; ao contrário, devem ser relacionados aos fatores contextuais envolvidos na situação comunicativa – abordados no âmbito do *continuum* estilístico. Tal proposta serviu de fundamentação para elaboração do *continuum* proposto na presente investigação.

Por sua vez, a proposta de Vieira (2019a, 2019b) une-se à de outros pesquisadores na defesa de uma norma-padrão plural, flexibilizada e atualizada quanto a alguns aspectos já em efetivo uso na modalidade escrita da língua (textos jornalísticos e acadêmicos). Segundo Vieira (2019b, p. 246), "é inevitável assumir que, em diversos fenômenos linguísticos, as variedades cultas fazem uso das formas alternantes em função de modalidade (do maior ou menor grau de oralidade/fala-letramento/escrita) e registro (do mais ao menos formal/monitorado)".

De maneira geral, o estudo ora apresentado está fundamentado nos princípios e conceitos abordados, visto que se trata de uma investigação variacionista acerca de uma regra variável – a expressão do acusativo de terceira pessoa no PB. Ademais, a conceituação de norma linguística e dos *continua* de variação permite entender como se distribui a variação observada. Na próxima seção, revisa-se brevemente o tratamento deste tema na literatura.

3. REVISÃO DA LITERATURA

Os estudos linguísticos identificam quatro variantes principais para a expressão do acusativo anafórico de terceira pessoa, que revelam diferentes estratégias linguísticas para retomar um referente mencionado anteriormente no discurso, quais sejam: (a) clítico acusativo; (b) pronome lexical; (c) objeto nulo; e (d) SN anafórico.

Para melhor entender o tratamento do tema na tradição gramatical, priorizaram-se três gramáticas tradicionais, a saber: Rocha Lima (2018 [1972]), Cunha e Cintra (2016 [1985]) e Bechara (2015 [1999]). Os gramáticos consultados consideram apenas uma das formas variantes como legítima: o clítico acusativo. Em relação às demais formas, Bechara (2015 [1999]) lista situações em que o pronome reto pode ser utilizado na função acusativa e faz uma breve menção ao objeto nulo. Já Cunha e Cintra (2016 [1985]) condenam o uso do pronome reto como complemento verbal.

Em linhas gerais, os estudos que tratam do tema na perspectiva diacrônica indicam que o comportamento do PB oral difere do da variedade europeia devido a processos de mudança linguística ao longo dos séculos. Ao que tudo indica, ao perder os clíticos de terceira pessoa, o português brasileiro (PB) passou a licenciar o objeto nulo em diferentes contextos, ao contrário do português europeu (PE).

Isso se reflete nos resultados de estudos sincrônicos sobre o comportamento do fenômeno na modalidade oral da língua. Esses estudos apontam o objeto nulo como a forma preferida pelos brasileiros, possivelmente por ser uma variante mais neutra, sem estigma. Por outro lado, a variante prescrita pelas

gramáticas, o clítico acusativo, está praticamente ausente na fala – mesmo entre indivíduos com alto nível de escolaridade – e seu uso é restrito a um contexto linguístico específico: verbo no infinitivo com colocação enclítica. O pronome lexical, embora condenado pela tradição gramatical, também não é tão frequente na fala brasileira em comparação às outras variantes.

Já na modalidade escrita, os papéis se invertem: o clítico acusativo atinge taxas elevadas de uso, especialmente entre indivíduos com maior nível de escolaridade ou em gêneros que exigem maior monitoramento e comprometimento com as regras gramaticais. O pronome lexical, por outro lado, devido ao estigma, é praticamente banido da escrita, principalmente nos mesmos grupos em que se observa um aumento do uso do clítico. Apenas em um contexto sua ocorrência não parece sofrer estigma: na estrutura de minoração, onde exerce a dupla função de objeto direto e sujeito. Na sincronia atual, observa-se, portanto, que o comportamento das variantes do acusativo anafórico de terceira pessoa é sensível à variação diamésica.

A seguir, descreve-se a metodologia utilizada na realização desta pesquisa.

4. METODOLOGIA

A fim de compor o material de investigação, partiu-se de uma análise prévia de fenômenos linguísticos em gêneros textuais-discursivos distribuídos em *continuum* (VIEIRA; LIMA, 2019). Foram selecionados para estudo alguns gêneros publicados no jornal *O Globo*, para constituir a amostra jornalística do *corpus* Pró-Norma Plural: artigo de opinião, carta de leitor, crônica, editorial, entrevista, notícia e tirinha. A escolha dos textos se baseou na literatura sobre *continua* linguísticos, especialmente nas proposições de Bortoni-Ricardo (2004, 2005) e Marcuschi (2001, 2008), considerando as esferas de variedade, modalidade e registro. Os textos analisados, pertencentes à modalidade escrita do PB na esfera jornalística, foram considerados representativos da variedade culta, conforme Perini (2000 [1986]).

A distribuição prévia dos gêneros no *continuum* seguiu as postulações de Marcuschi sobre a concepção dos gêneros textuais – de oralidade, híbrida ou de escrita – e as características situacionais propostas por Biber e Conrad (2009), principalmente a de “propósito comunicativo”. Assim, propuseram-se três porções do *continuum*. Na porção [+oralidade], foram alocados gêneros como tirinhas, que simulam diálogos corriqueiros, e entrevistas, geralmente transcritas da modalidade oral. Na porção [central], crônicas e notícias mesclam características de ambas as modalidades, com falas de participantes e trechos narrativos ou descritivos. Na porção [+letramento], ficaram os gêneros exclusivamente escritos, como cartas de leitor, artigos e editoriais, com a hipótese de maior conformidade às normas prescritivas.

Quanto aos demais procedimentos, a metodologia deste estudo buscou cumprir as seguintes etapas da pesquisa sociolinguística: (i) definição da regra variável linguística (preenchimento do acusativo anafórico de terceira pessoa); (ii) seleção e coleta dos dados do fenômeno pré-estabelecido nos gêneros textuais-discursivos considerados; (iii) definição das variáveis que supostamente se correlacionariam com as formas variantes da regra variável; (iv) codificação dos dados selecionados, em planilha do *Excel*, e análise das ocorrências com base em ferramentas da plataforma *R* (R CORE TEAM, 2019).

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No conjunto de dados coletados, obteve-se o seguinte resultado (Tabela 1):

Tabela 1 ■ Distribuição geral das formas de acusativo anafórico de terceira pessoa na amostra jornalística do *corpus* Pró-Norma Plural

Variante	Frequência	Percentual
<i>SN anafórico</i>	205/500	41%
<i>Clítico acusativo</i>	200/500	40%
<i>Objeto nulo</i>	86/500	17%
<i>Pronome lexical</i>	9/500	2%

Fonte: Produzido pela autora

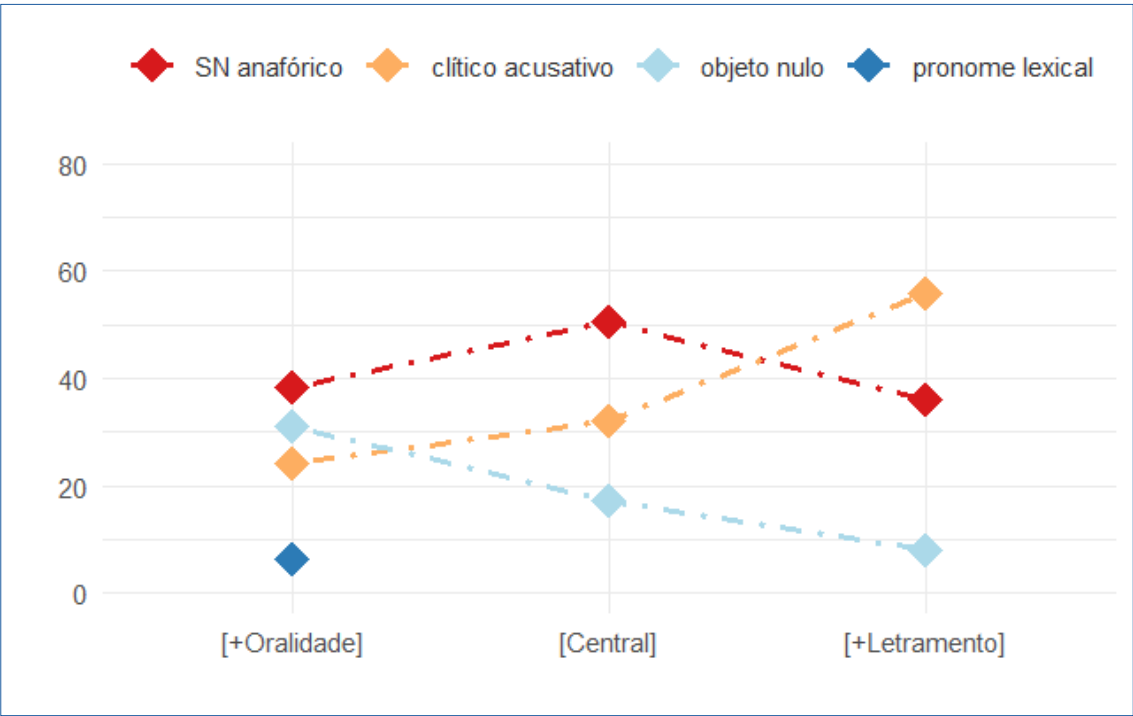
Seguem-se alguns exemplos de ocorrência das formas variantes verificadas na amostra analisada:

- (a) **SN anafórico**: “Grávida de sete meses do meu primeiro filho, assisto à posse d<o presidente Lula> pela televisão. Meu então marido, petista ferrenho, se emociona ao ver **o ex-sindicalista** subir a rampa do planalto.” {RJCRO016};
- (b) **Clítico acusativo**: “De fato, em muitos desses casos, <as vítimas> já tinham prestado queixa em delegacias, mas o Estado se mostrou incapaz de protegê-**las**.” {RJJEDI012};
- (c) **Objeto nulo**: “Então claro que temos em mãos <um problema>. Quando resolvermos **?**, será o nosso grande pulo do gato, porque além do efeito prático de desenvolver a comunicação das crianças, traremos de volta o lado lúdico para o ambiente escolar.” {RJJENT008};
- (d) **Pronome lexical**: “<Ramazzotti> é como um Maroon 5 italiano. Junte **ele** a um jantar à luz de velas, regado a um bom vinho, e temos um verdadeiro convite à sedução.” {RJJTIR358}.

Como pode ser visto na Tabela 1, do total de 500 ocorrências, houve 41% de SN anafórico, 40% de clítico acusativo, 17% de objeto nulo e 2% de pronome lexical. Os resultados corroboram anteriores que apontam a variante-padrão como a preferida da escrita culta. Estudos anteriores já retiraram o SN anafórico de uma das rodadas de análise (cf. MARQUES DE SOUSA, 2017), pois nem sempre essa forma pode ser intercambiável com as demais. Se esta forma fosse retirada da presente análise, isso aumentaria ainda mais a proporção de clítico acusativo no conjunto de dados analisados. Entretanto, convém lembrar que, mesmo sendo a forma mais utilizada na escrita-padrão, o emprego de clítico acusativo fica muito aquém do uso observado em materiais escritos do PE – cf., entre outros, Freire (2005).

O gráfico a seguir ilustra a distribuição das formas variantes, considerando as porções do *continuum* previamente estabelecidas:

Gráfico 1 ■ Distribuição geral das formas de acusativo anafórico de terceira pessoa pelas porções do *continuum* de gêneros textuais-discursivos da amostra jornalística do *corpus* Pró-Norma Plural

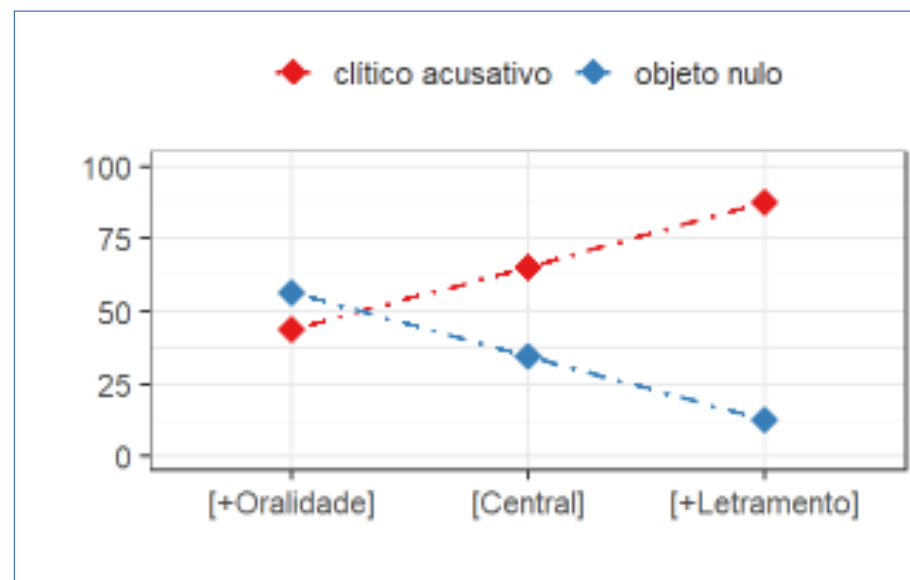


Fonte: Produzido pela autora

Como se pode observar no Gráfico anterior, o pronome lexical ficou restrito apenas à porção de [+oralidade], não figurando nos demais pontos do *continuum*. Com isso, pode-se afirmar que essa variante tem uma “distribuição descontínua”, conforme Bortoni-Ricardo (2004, p. 53). Segundo a autora, “traços descontínuos são os que recebem a maior carga de avaliação negativa”. No caso da escrita, esse resultado permite observar essa força: o pronome lexical, uma variante estigmatizada, foi descontinuado nas demais porções. Por sua vez, o SN anafórico é uma forma bastante estável no *continuum*, não revelando competição com as demais.

Uma vez que se observou que o clítico acusativo e o objeto nulo foram as formas que mais variaram de forma escalar em relação ao *continuum* proposto, considerou-se importante realizar uma análise com apenas essas duas formas. O Gráfico 2, a seguir, ilustra os resultados obtidos:

Gráfico 2 ■ Distribuição de clítico acusativo e de objeto nulo pelas porções do *continuum* de gêneros textuais-discursivos da amostra jornalística do *corpus* Pró-Norma Plural



Fonte: Produzido pela autora

Neste gráfico, é possível perceber que as formas em análise apresentaram comportamento oposto na distribuição pelas porções do *continuum*, especialmente na porção de [+letramento]: conforme se aproxima do nível de [+letramento], aumentam as chances de clítico acusativo em relação ao objeto nulo. O apagamento do objeto nulo não chegou a ser *descontinuado* na escala – como o pronome lexical o fora, ao se considerar o conjunto de todas as formas de expressão do acusativo anafórico –, mas diminuíram consideravelmente as ocorrências da forma nula na porção de [+letramento]. Com base nisso, acredita-se que o preenchimento do acusativo anafórico com a forma de prestígio poderia ser relacionado à maior monitoração/maior adequação linguística exigida dos gêneros alocados na porção de [+letramento] do *continuum*, em um provável atendimento às orientações normativas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, buscou-se reportar resultados gerais acerca da distribuição do acusativo anafórico de terceira pessoa na amostra jornalística do *corpus* Pró-Norma Plural. De maneira geral, a hipótese inicial se confirmou, com alta incidência de clítico acusativo na amostra geral. A utilização de mais de um envelope de variação mostrou-se importante para a análise das formas em efetiva competição na escrita: o clítico acusativo e o objeto nulo.

Tais resultados de observação empírica juntam-se aos demais, a fim de fundamentar a defesa de que a norma de referência para a escrita brasileira deve ser considerada plural e flexível, como afirmam Faraco (2020), Vieira (2019a, 2019b), entre outros. Diante do exposto, entende-se que a investigação empreendida alcançou seus objetivos principais. Como próximos passos, sugerem-se algumas lacunas a serem preenchidas: (i) ampliação da análise do fenômeno considerando os gêneros da amostra acadêmica do Rio de Janeiro – em andamento –; e (ii) análise da avaliação do uso dessas formas, tanto para recepção quanto para produção.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2015 [1999].
- BIAZOLLI, Caroline Carnielli. **Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português**: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma. 2016. 381 p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (*campus* Araraquara), 2016.
- BIBER, David; CONRAD, Susan. Written registers, genres, and styles. *In*: BIBER, David; CONRAD, Susan. **Register, genre and style**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 109-142.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Um modelo para análise sociolinguística do português brasileiro. *In*: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005. p. 45-52.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O português brasileiro. *In*: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004. p. 51-70.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016 [1985].
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Para uma nova descrição da sintaxe do "português padrão". **Cadernos de Letras da UFF**, v. 25, n. 51, p. 23-41, 2015.
- FARACO, Carlos Alberto. Por que precisamos de (novas) gramáticas normativas? **HGEL – Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas (Grupo de pesquisa UFPB/CNPq)**. 13 maio 2020. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/463725112/2020-FARACO-Carlos-Alberto-Por-que-precisamos-de-novas-gramaticas-normativas#>>. Acesso em: 05 jul. 2021.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. *In*: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Orgs.). **Pedagogia da variação linguística**: língua e diversidade. São Paulo: Parábola, 2015. p. 19-30.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. *In*: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2012 [2002]. p. 35-56.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira** – desatando alguns nós. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Parábola, 2008.
- FREIRE, Gilson Costa. **A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana**. 2005. 204 p. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LABOV, William. Some sociolinguistic principles. *In*: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, Richard (Orgs.). **Sociolinguistics**: the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003. p. 234-250.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e letramento. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001. p. 15-44.
- MARQUES DE SOUSA, Antonio Anderson. **As realizações do acusativo anafórico no português europeu e brasileiro: um estudo diacrônico**. 2017. 217 p. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- PERINI, Mário Alberto. **Para uma nova gramática do português**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2000 [1986].
- R CORE TEAM. **R**: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. 2019. Disponível em: <<https://www.R-project.org/>>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 54. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018 [1972].

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Contribuições dos estudos de fenômenos variáveis em *continuum* de gêneros textuais: para uma pedagogia da variação linguística. *In*: VIEIRA, Silvia Rodrigues; LIMA, Monique Débora Alves de Oliveira (Orgs.). **Variação, gêneros textuais e ensino de português**: da norma culta à norma-padrão. 1. ed. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2019a. p. 103-111.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. Para uma norma-padrão flexível no contexto escolar: contribuições dos estudos sociolinguísticos. *In*: MACHADO-VIEIRA; Márcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz (Orgs.). **Dimensões e experiências em sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2019b. p. 243-264.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; LIMA, Monique Débora Alves de Oliveira. **Variação, gêneros textuais e ensino de português**: da norma culta à norma-padrão. 1. ed. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2019.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. Revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].